

# Conheça a série

vol. 1: O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas ilhas Maldivas

vol. 2: O dia em que a minha vida mudou por causa de um pneu furado em Santa Rita do Passa Quatro

Keka Reis

O DIA EM QUE A  
MINHA  
VIDA  
MUDOU

por causa de  
um pneu furado em  
Santa Rita do Passa Quatro

ilustrações

Vin Vogel

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2018 by Keka Reis  
Copyright das ilustrações © 2018 by Vin Vogel

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO Bruno Romão  
ILUSTRAÇÃO DE CAPA Vin Vogel  
PREPARAÇÃO Antonio Castro  
REVISÃO Luciana Baraldi e Viviane T. Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Reis, Keka

O dia em que a minha vida mudou por causa de um pneu furado em  
Santa Rita do Passa Quatro / Keka Reis ; ilustrações Vin Vogel. — 1ª ed. —  
São Paulo : Seguinte, 2018.

ISBN 978-85-5534-074-1

I. Ficção juvenil I. Vogel, Vin. II. Título.

18-18644

CDD-028.5

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinteoficial

Para o ZéVictor  
Que foi embora muito cedo  
Mas deixou sua risada junto comigo.

# Cinco e quarenta e cinco da manhã

Eu sabia que aquele não ia ser um dia normal. Não tinha como ser. Eram cinco e quarenta e cinco da manhã e eu já estava com o celular da minha mãe nas mãos.

— Alô? Quem é?

— É o Paulo.

— Quem?!?

— Eu, Mia. O Bereba. Você não me ligou?

— Liguei. Mas você não está com a voz do Bereba.

— Sou eu, Mia!

— Já sei. É voz de sono. Você acordou agora? Bereba, são quase seis...

— Eu coloquei o despertador para tocar daqui





a pouco. Na verdade, para tocar agora. Disparou! Você está ouvindo? Mia? Mia?

O despertador do Bereba tocou e não consegui ouvir mais nada. Quer dizer, escutei uma música que ainda não conhecia. Acho que era a nova da Plátanos Verdes no Muer-

den, nossa banda preferida. Que fofo ele ter colocado essa música como despertador. A ligação caiu. Eu olhei para a janela, o céu ainda estava escuro. Coisa estranha, acordar de noite. Pensando bem, aquilo já era um sinal. Um sinal de que o meu dia seria diferente. Maluco. Totalmente anormal. Mais ou menos como o dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas ilhas Maldivas.

# O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas ilhas Maldivas

Foi tudo muito rápido. Era para ser um dia normal do sexto ano, mas não foi. O sexto ano não é normal. Nunca vai ser. Eu estava estranhando tudo. A diferença entre o recreio e o intervalo, os meus amigos que não desgrudavam do celular e o entra e sai de professores na classe. Onde a tia que a gente tinha até o ano passado foi parar? Não, eu nunca chamei professora nenhuma de tia. Uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa. Uma pessoa é tia e a outra é professora. Isso se você tiver tia, porque seu pai e sua mãe podem ser filhos únicos como eu. E você também pode ter um professor homem, o que é bem legal. Tipo um tio. Mas a relação que nós tínhamos com qualquer professora ou professor do



fundamental I era assim mesmo, meio familiar. Agora isso acabou. Ficou no passado. Adeus, tios queridos. Estou sentindo muitas saudades. Mesmo depois de tanta preparação. Foram meses e meses falando dessa “mudança brusca”. Da passagem para o sexto ano, o fundamental II. Mas, de verdade, quem é que está preparado para qualquer tipo de mudança? Eu não. E estava ainda menos preparada para o que aconteceu naquele dia. O Bereba me mandou um bilhete. Não era um bilhete qualquer, mas um convite para que eu sentasse do lado dele na perua. Estranho. Eu sempre sentava do lado dele na perua. Por que precisava de um convite? Isso significava que ele não queria ser só meu amigo com O maiúsculo. Ele queria algo mais. Depois disso, tudo mudou. Mudou muito rápido. O bilhete caiu nas mãos da Jade, eu fui mal em uma prova de matemática, me tranquei no banheiro, chorei mil e duzentas vezes, fui bem na mesma prova de matemática e, no mesmo dia, tive uma estranha aula de zumba com uma mulher mais estranha ainda, ciúmes do Bereba com a Júlia F., até que a Jade me devolveu o bilhete, eu entreguei para o Bereba, ele me deu a mão no meio



da rampa da escola, a mãe dele chegou de repente e tocou uma buzina escandalosa, a gente morreu de vergonha, no dia seguinte falamos ao telefone e agora somos Namorados. Com N maiúsculo. Como é ter um Namorado com N maiúsculo?



## Como é ter um Namorado com N maiúsculo?

De verdade verdadeira, não mudou muita coisa. A gente fala da Plátanos Verdes No Muerden, de aracnídeos, dos professores e de uma série de TV nova, que tem uma super-heroína como protagonista. O lobisomem de cabelo bonito que estrelava a série que a gente amava odiar no começo do ano já virou coisa do passado. Ele e os vampiros devem estar lutando em outro lugar. Afinal, lobisomens e vampiros são inimigos mortais. Como eu achava que era da Jade, mas não sou mais. Agora é a hora e a vez das meninas. Das super-heroínas. A Bárbara Maravilha é uma menina de quinze anos que sabe voar. Ela tem cabelo curto e enrolado, fala um monte de palavras que eu ainda não entendo e é totalmente poderosa.

O Bereba também é louco por essa série, porque está bem longe de ser o tipo de menino que não vê série em que meninas têm poderes.

Como eu, ele acha que essa ideia de ter coisa de menino e coisa de menina já ficou no passado. Junto com os vampiros e os lobisomens. É por isso que eu gosto do Bereba. É por isso que ele é meu namorado. Ou por isso que ele sempre foi meu amigo. São coisas meio parecidas, eu acho. Desde que rolou a história do bilhete, a classe toda quer saber se a gente já se beijou. Ou se ele já me “pegou” ou eu “peguei ele”. Eu nunca respondo. Na verdade, fico totalmente irritada com essas perguntas. Eu pego na mão do Bereba e ele pega na minha. Teve uma vez, no comecinho de uma aula, que ele veio me dar oi e o beijo, que era para ser na bochecha, acabou ficando metade na boca e metade na bochecha. A gente se olhou meio sem graça e mu-



dou de assunto. Passamos uns dois ou três dias sem conversar direito, mas depois as coisas voltaram ao normal. Com o Bereba as coisas sempre são normais. Normais de um jeito que eu gosto. No quarto recreio depois disso, ele veio tomar lanche comigo e decidimos falar do único assunto que o sexto ano inteiro estava falando naqueles dias: o estudo do meio.

## O estudo do meio

Estudo do meio é um jeito chique de chamar uma excursão da escola. A gente viaja e estuda alguma coisa no meio do caminho, ou enquanto viaja. Para falar a verdade, não entendi direito. Acho que é isso.

Desde que anunciaram que essa viagem iria acontecer, ninguém falou em outra coisa na escola. Foram meses e meses discutindo quem ia dormir junto nos quartos e sentar junto no ônibus. Foi legal ver o pessoal do sexto ano B sair um pouco do celular e discutir outros assuntos. Na verdade, só esse assunto mesmo. Os dias se transformaram em uma espécie de jogo de estratégia, tipo aquele que os adultos jogam quando não têm nada para fazer, acho que o nome é War. Que significa guerra. Eu não gosto



de guerra. E não estava gostando tanto assim dessa viagem. Os territórios que os adultos disputam no jogo eram os quartos do acampamento. Todo mundo queria dormir perto da Jade. Eu acho que quando se está em uma batalha, ficar ao lado de um soldado forte é vantagem. E a Jade, apesar de ser superbaixa, mega-arrogante e eterna, definitivamente é um dos soldados mais fortes dessa luta que é o sexto ano. Além disso, ela sempre leva para a escola lanches superdeliciosos e prometeu contar as histórias de terror mais terríveis antes de dormir. Eu tenho medo de histórias de terror terríveis. Mas gosto de lanches deliciosos. Os lanches da Jade ultrapassam o limite do bom senso, como a minha mãe me disse um dia. Ela leva Nutella um dia sim e o outro também. O resto é acessório. Bolacha, pão de queijo, salgadinho, tudo é afogado dentro da Nutella. Eu não sei se é essa a graça da Jade. Ou as unhas compridas que ela usa cada dia de uma cor. Mas os beliches no quarto dela eram os mais disputados. Junto com as camas do quarto do Enzo Ferrarini. Ele é um aluno novo da minha classe. Chegou logo depois das férias de julho e já ficou amigo de todo mundo. O Enzo veio do in-

terior, fala alto e com sotaque divertido, adora comer, não tem a menor vergonha de arrotar e soltar pum e é o campeão de pingue-pongue na hora do intervalo, além de ser viciado em tirar selfie. Dizem que a disputa entre os meninos para ver quem ia ficar no mesmo quarto que o Enzo foi sangrenta. Parece que ele prometeu que ia dar os arrotos mais longos da história do estudo do meio. E falar as palavras mais difíceis enquanto arrota. Não sei se é verdade. Só sei que a batalha no quarto das meninas também teve muito drama. Drama e até uma tentativa da Jade de alugar as camas que nem eram dela para quem pagasse mais caro. Então a escola resolveu interferir. Eles que iam escolher quem ia ficar no quarto de quem, e assim não tinha mais discussão. Eu fiquei no quarto com a Jade, a Júlia F. e a Lolô. O Bereba ficou com o Enzo, o Lico e o Artur C. Mas aquela batalha toda foi só o começo. Porque depois da guerra dos quartos, começou a discussão sobre o ônibus. Quem ia sentar ao lado de quem? Eu e o Bereba não demos muita atenção ao assunto. Não só porque não gostamos de guerra, mas porque somos namorados, então decidimos sentar juntos no ônibus e ponto-final.

